

## APATIA, REATIVIDADE E PREÂMBULOS DA SERENIDADE: ESTADOS DE RELAÇÃO COM A EXPERIÊNCIA DE CONHECIMENTO NAS ARTES VISUAIS

AMANDA DELGADO RIBEIRO DE SOUZA<sup>1</sup>; HELENE GOMES SACCO  
CARBONE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [dadsdelgado@hotmail.com](mailto:dadsdelgado@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [sacco.h@gmail.com](mailto:sacco.h@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa elucidar a categorização de Estados de Relação com a experiência de conhecimento em Artes Visuais: apatia, reatividade e preâmbulos da serenidade. A categorização parte de observações e explorações feitas em oficinas que ministrei como professora de artes em formação, no Projeto de Extensão Arteiros do Cotiano<sup>1</sup> e como bolsista do Pibid<sup>2</sup>. Tais observações possibilitaram a organização destes Estados de Relação e a realização de atividades de ensino no Estágio Supervisionado I e II, tornando a transposição destes uma importante ferramenta de aproximação e compreensão das formas que uma turma, e cada aluno individualmente, vivem a experiência de aprendizagem. As ações de Estágio ocorreram com turmas de séries finais do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Pelotas, e emergiram da minha relação afetiva com os alunos, também presente entre todos na escola.

O artista espanhol Antoni Muntadas em uma intervenção urbana utiliza uma frase que aqui se faz muito potente para reflexão. Em placas vemos a seguinte frase: “Percepção requer envolvimento!”. Que me remete à minha relação com meus alunos, e me faz questionar de que forma eles se relacionam comigo e com o que construímos juntos em aula. Como conseguir perceber de forma sutil o universo que contempla uma experiência de ensino/aprendizagem? No percorrer destas linhas não analisarei métodos de avaliação ou conteúdos específicos, proponho tratar de uma percepção mais alargada do que atravessa a Relação entre professor, aluno e conhecimento.

DUARTE JÚNIOR (2014) ressalta uma importante característica, da arte como realização intelectual entre a experiência do mundo e uma formulação abstrata do mesmo, em que se apreende o signo estético com todo o corpo, não apenas como razão técnica, enfatizando um modo de conhecimento através do sensível. Ele traz a afirmação de que ao organizarmos o mundo, fazemos dele uma extensão de nosso corpo. Desse modo, parto da “categorização” como meio de organização do que percebo e do que me conecta à turma como uma forma de percepção sensível, para que possamos nos aproximar de uma unidade complexa. Atribuindo a visão simpática (entre a visão prática e teórica), conforme DUARTE JÚNIOR (2014), e minha posição de agente viabilizador da transposição de tais estados, leva em conta que quando atuamos juntos em sala de aula, nos tornamos um só organismo.

---

<sup>1</sup> O projeto Arteiros do Cotidiano viabilizado pela prof.<sup>a</sup> Claudia Brandão do Centro de Artes da UFPEL, possibilita a experiência de confecção de planos de ensino e prática de oficinas com alunos de séries iniciais da escola Félix da Cunha preparando os acadêmicos para o ingresso escolar anterior aos ESAVs I e II. Fonte: <http://goo.gl/n7mXZT>.

<sup>2</sup> “O Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem como objetivo incentivar a formação de professores para a educação básica, apoiando os estudantes que optam pela carreira docente (...)”. Fonte: <http://goo.gl/uGZR3h>.

A recorrência dos comportamentos observados culminou com o descobrimento de uma teoria hindu, presente no Bhagavad Gita, uma escritura sagrada. Denominada *gunas* (Atributos da Natureza), elucida o estado da mente humana em diferentes atividades:

“As quatro castas prestam serviço à humanidade empregando (1) o corpo, (2) a mente, (3) a força, (4) o Espírito. Os quatro estágios têm seus correspondentes nos *gunas* ou Atributos da Natureza, *tamas*, *rajas* e *sattva*: obstrução, atividade e expansão; ou massa, energia e inteligência. As quatro castas naturais apresentam as seguintes relações com os *gunas*: (1) *tamas* (ignorância), (2) *tamas-rajas* (combinação de ignorância e atividade), (3) *rajas-sattva* (combinação de atividade correta e iluminação), (4) *sattva* (iluminação). (...) todos os seres humanos possuem os três *gunas* em diferentes proporções.” (YOGANANDA, 2013. Nota de rodapé, p. 480.)

O termo *apatia* correspondente à *tamas*, é relativo aos estados letárgicos, cujos alunos se recusam a fazer as atividades, ou as fazem com descaso. O termo *reatividade* referente ao estado transitório *tamas-rajas* e *rajas*, remete aos alunos agitados, cujas ações são desconectadas das atividades propostas. Ainda que dentro da temática e sugestões de aula, não refletem ou se aprofundam nas discussões. É frequente neste estado a manifestação periodista de opiniões/ações copiadas: ausência da aproximação entre ações e temas com a experiência do indivíduo ou grupo. Um exemplo contemporâneo é o compartilhamento de notícias e considerações em redes sociais. LARROSSA (2012), ressalta um alerta de Walter Benjamin sobre o periodismo, uma ferramenta moderna de destruição generalizada da experiência que propaga opiniões muitas vezes vazia de experiência.

O que há além deste estágio? Afinal, tratamos a informação racional como conhecimento e saber: para DUARTE JÚNIOR (2014) a arte está diretamente ligada a um saber sensível, que valoriza o que permeia as ações tratadas como básicas, por exemplo, o saber desviar de um carro em detrimento às considerações a cerca do desvio. A importância do conhecimento do corpo, daquilo que já reverbera nas ações despido da intelectualização. Tal relação se torna evidente no estágio a seguir.

O estágio preâmbulos da serenidade destaca a transição *rajas-sattva*, sendo possível subdividi-lo em empoderamento bruto e sutil. Ambos determinam uma relação de assimilação e reflexão da temática, aprofundamento e aplicação individual/coletiva dos recursos de aula. No estado bruto se percebe uma menor maturação do tema nas ações do indivíduo, podendo haver sinais de desconforto (raiva, tristeza, euforia), muitas vezes há extrema necessidade de manifestar-se sobre o tema tratado. No estado sutil é perceptível maior dominação do assunto, o reverberar em outras atividades, muitas vezes tratados em múltiplas situações.

A utilização desta categorização emerge dos meus últimos dez anos de estudos sobre alternativas de lidar com acontecimentos/temáticas que nos cruzam ao cruzarem o mundo. Através do aprofundamento nesta teoria, pude organizar com clareza minhas reações/interações com a experiência de conhecimento em artes, para então propor referenciais de aprimoramento pessoal na relação metodológica e afetiva com alunos. Logo, os *gunas* não são juízos de valor, mas ferramenta de auto-organização e entendimento do entorno que podem contribuir nas relações de ensino, na percepção dos ritmos e emoções que permeiam as experiências na escola.

Esse aprimoramento inicia com a tomada de consciência de que se faz parte de um grupo e de um processo de autoformação. O conceito de Autopoiésis do neurobiólogo MATURANA (2014), indica o fechamento do sistema nervoso como circular, e do próprio ser vivo como uma autoprodução, em que os seres vivos produzem a si mesmos, recompõem continuamente seus componentes desgastados, um sistema cujo produtor é também produto. Ele trata do entrelaçamento de nosso emocinar e conviver na vida cotidiana, que consensual ou não, resulta em um curso quase acidental com interações fora da linguagem, mas que costumam trazer-se ao conversar a partir do refletir.

Como acadêmica de Licenciatura em Artes Visuais, e então aluna, compreendo a apredizagem para além dos temas curriculares. A conscientização dos estados de apredizagem e formação, potencializa as chances de imersão nos conteúdos, valorizando a atuação autônoma do aluno no interior desse processo.

## 2. METODOLOGIA

Motivada pelas observações nas atividades exercidas com o projeto de Extensão Arteiros em 2014 e ações com o Pibid no período de 2014 a 2016, foram avaliados 15 encontros. Após o levantamento de dados, feito ao final de cada grupo de atividades, obtive a organização para a confecção de um plano de ensino no segundo semestre de 2015 com a turma A7A da escola municipal já citada, posterior à observação de três semanas de aula. Ao final da utilização deste plano de ensino como roteiro de ações e seus devidos ajustes, foi feito um relatório final de erros, acertos e outras análises, que possibilitou a aplicação de um segundo plano de ensino para a turma A7A da mesma instituição no ano seguinte, de 2016.

O segundo plano de ensino, readaptado após experiência, foi utilizado como comprovação da importância da aplicação deste método de auto-organização e transposição de Estados de Relação. A participação em conselhos de classe que implicam em diálogos entre alunos e professores e as atividades executadas também foram analisadas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A transposição de ferramentas de auto-organização para aprimoramento do ensino, a exemplo dos *gunas*, através da percepção dos Estados de Relação, trouxe para a execução das aulas coesão e coerência nas minhas ações, tendo fortalecido o vínculo com os alunos.

Os alunos eram levados a fazer perguntas específicas sobre os conteúdos em artes, pois as atividades propostas demandavam tais conhecimentos, assim, ao invés de forçar o conteúdo, tentavam acessá-lo em mim. Os interesses e discussões ocorriam através de lacunas nas atividades, preenchidas por eles com seus próprios interesses, e valorizando o repertório da turma. Apenas foi possível adequar os interesses, pois o plano de cada aula possuía também a função de revelá-los ao longo das atividades. Minha participação instigava o que pretendia discutir, e sugeria aprofundamentos. Para tal, intercalava atividades individuais e coletivas. A seleção dos materiais também explorava as temáticas.

A turma A7A de 2016 tratada como uma turma problema, não possuía diálogo ou participação nas atividades. As interações eram majoritariamente agressivas e por provocações. Com atividades de diagnóstico e readaptação do plano obtive total adesão dos alunos nas atividades. Além disso, a opção de não exigir deles lições de casa realçou o impacto da relação além escola, já que eles

trouxeram trabalhos espontâneos de suas casas com os materiais e conceitos explorados ao longo do semestre. A exemplo de uma aluna que fez uma análise verbal a partir de recursos visuais de uma animação que assistiu.

Conforme a situação na Figura 1, durante uma oficina sobre alternativas de comunicação, os alunos exploraram o espaço escolar através de recursos verbais (inventários) e não verbais (frotagem). Divididos em grupos tinham como objetivo catalogar uma área escolar, e produzir trabalhos com o material recolhido para que os outros grupos descobrissem qual a área escolhida. Estando presente em todas as etapas pude desenvolver e possibilitar o aproveitamento da atividade, tendo constatado o surgimento de diálogos e outras formas de relação ao abordarmos a arte como linguagem.



FIGURA 1 – Aula sobre espaço e comunicação com a turma A7A (2016/1).  
Fonte: acervo pessoal.

#### 4. CONCLUSÕES

Identificar os Estados de Relação no contexto de uma aula de Artes tem relevância por contribuir na percepção sensível da turma, pois ao aprofundar do conhecimento sobre ela, o professor se coloca como agente integrante do processo de ensino/aprendizagem, e instaura processos de autoformação. Ao observar a Relação com a turma como um caminho de duas vias, entendendo melhor os sinais, fluxos e ritmos, percebi que a geração de processos autopoieticos permite melhor interação com os outros e promove transformações múltiplas, novos diálogos e reflexões consigo e com o mundo.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUARTE JÚNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. Tese (Doutorado em educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP.
- HARIHARANANDA, P.; PRAJNANANANDA, P. (Org.). **The Bhagavad Gita: In the Light of Kriya Yoga**. Florida: ed. Kriya Yoga Institute, 2000. Volume I, II e III.
- LAROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, UNICAMP, Departamento de Linguística, n° 19, p. 20 – 28, 2002.
- MATURANA, H. MAGRO, C.; GRACIANO, M. VAZ, N. (Org.). **A ontologia da Realidade**. 2ª edição. Belo Horizonte, MG: ed. UFMG, 2014.
- UFRGS. **Antoni Muntadas – percepção requer envolvimento**. Arte Versa, 2016. Online. Disponível em: <http://goo.gl/FEmJdF>.
- YOGANANDA, P. **Autobiografia de um logue**. 3ª edição. Brasil: ed. Self Realization Fellowship, 2013.